

## Chineses dominam projetos de reconstrução do país

No acanhado e enfumaçado salão do Casino Tivoli pouco se ouve português. Na verdade, quase não se ouve nada que não o tilintar das bolinhas rodopiando nas roletas e das fichas quando recolhidas pelos crupiês angolanos. Angolanos, também, são raros por ali. Quem domina as mesas de aposta são dezenas de chineses que parecem nunca se cansar de fumar e apostar, sempre acompanhados de meia dúzia de prostitutas vietnamitas que batem ponto ali.

Desde 2003, quando a China iniciou um programa de financiamento para as obras de reconstrução de Angola, mais de uma centena de milhares deles já chegaram ao país. São empresários, comerciantes, engenheiros e operários, muitos operários que, garantem os angolanos à boca pequena, saíram direto dos presídios chineses para os aviões.

Ninguém sabe ao certo de onde eles vêm, mas todos sabem onde estão. Nas estradas que estão sendo reconstruídas no país sempre há um grupo de operários chineses. Na ferrovia que está sendo também reconstruída há centenas deles. Até mesmo em pequenas obras de reforma de prédios públicos em cidades do interior angolano é possível encontrar um ou outro chinês trabalhando junto a outros angolanos.

Nos últimos cinco anos a China já emprestou mais de US\$ 5 bilhões ao governo angolano. E emprestou com a garantia de receber os recursos na forma das maiores riquezas do país: petróleo e diamantes. Hoje, Angola transformou-se no principal exportador de petróleo para a China. Estimativas dão conta que cerca de 30% das importações chinesas de óleo cru venham das plataformas marítimas angolanas.

Na outra ponta, as empresas chinesas estão se beneficiando da ligação econômica entre os dois países. As maiores obras de infra-estrutura, como rodovias, pontes ou mesmo o novo aeroporto de Luanda, que ainda está em fase de projetos, ficam com os chineses. "Não há como competir com eles porque eles estão injetando muito dinheiro aqui, mas ainda assim há muito trabalho para nós", diz Amauri Pinha, diretor da Camargo Corrêa no país.

Aos poucos os trabalhadores chineses estão deixando as vilas onde eram confinados e começam a se integrar ao país. Nos mercados populares volta e meia é possível ver uma chinesa disputando clientes com as angolanas que vendem absolutamente de tudo. E nos bairros populares já começam a surgir crianças de pele escura com os olhos puxados, sinal de que a integração está ultrapassando as fronteiras comerciais.

**Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 15 dez. 2008, Empresas & Tecnologia, p. B8.**